



Fabiana Fernandes Firmo

Bacharela em Administração pela Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC).

A TRINDADE CLAUSEWITZIANA E OS DESAFIOS DO SAHEL: ENTRE INSURGÊNCIA, FRAGILIDADE E INTERVENÇÃO

EXTERNAL INTERVENTIONS IN THE SAHEL: A CLAUSEWITZIAN APPROACH TO THE GEOPOLITICS OF THE REGION

RESUMO: O Sahel, uma região marcada por intensa instabilidade, enfrenta uma dinâmica de conflitos que desafia as abordagens tradicionais sobre guerra. Este artigo aplica a teoria de Carl von Clausewitz, com ênfase na Trindade entre governo, forças armadas e população, para analisar a persistência dos conflitos no Sahel, caracterizados por insurgências, terrorismo, fragilidade do Estado e a crescente intervenção internacional. A interação entre atores locais, regionais e globais revela a complexidade da guerra contemporânea, onde interesses econômicos, geopolíticos e de segurança se entrelaçam de maneira profunda. A partir da perspectiva clausewitziana, argumenta-se que a falta de uma integração eficaz entre as dimensões política, militar e social agrava a crise na região. O estudo também investiga o papel das intervenções externas, como as operações francesas e as missões da ONU, e como essas se alinham ou divergem dos princípios estabelecidos por Clausewitz. O objetivo deste artigo não é apenas compreender os conflitos no Sahel à luz da teoria clássica, mas também avaliar sua relevância para os estudos estratégicos contemporâneos.

Palavras-chave: Clausewitz; Sahel; Insurgências; Fragilidade Estatal; Intervenção Internacional; Geopolítica e Instabilidade Regional.

ABSTRACT: This article analyzes external interventions in the Sahel region through the lens of Carl von Clausewitz's military theory, focusing on contemporary geopolitical dynamics. The Sahel, a region plagued by insecurity, armed conflicts, and political instability, has seen increasing foreign involvement from both regional and global powers. These interventions are frequently justified under the pretexts of combating terrorism, stabilizing governments, and securing resources. However, they often reveal underlying geopolitical motives that go beyond the initial justifications of peacekeeping and humanitarian aid. By applying Clausewitz's concepts of war, politics, and strategy, this paper examines how external actors engage with the Sahel conflict, their strategic objectives, and the impact of their actions on regional stability. It also explores the tensions between the political and military aspects of intervention, and its consequences for local populations and state sovereignty. The findings highlight the continuing relevance of Clausewitz's theories in understanding modern interventions and their complex interplay with global power structures.

Keywords: Clausewitz; Sahel; Insurgency; State Fragility; External Intervention; Geopolitics; Regional Stability.

1 Introdução

O Sahel, uma região situada ao norte da África Subsaariana, tem se consolidado como um dos maiores focos de instabilidade global nas últimas décadas. Essa área, que abrange países como Mali, Níger, Chade, Burkina Faso e Mauritânia, é caracterizada por uma série de fatores interligados que dificultam o desenvolvimento e perpetuam os conflitos. O clima semiárido da região, com chuvas escassas e um processo crescente de desertificação, agrava ainda mais a situação, que já é marcada pela pobreza extrema, fragilidade institucional, insegurança alimentar e falta de governança. Esses desafios, aliados a disputas étnicas, radicalismos ideológicos e à presença de grupos terroristas, transformaram o Sahel em um centro de intensa conflitualidade, com uma dinâmica de guerra que desafia as abordagens tradicionais de resolução de conflitos (LORENZ, 2020).

A história recente do Sahel é profundamente influenciada por uma série de fatores coloniais que moldaram as fronteiras e as identidades dos Estados modernos da região. Segundo Duroch (2006), a construção dos Estados-nação no pós-colonialismo, com fronteiras artificiais, exacerba divisões étnicas e políticas que, anteriormente, eram pouco significativas. Esses Estados, como Mali, Níger, Chade e Burkina Faso, enfrentaram dificuldades em consolidar um poder central efetivo devido à diversidade étnica e à ausência de infraestrutura para a governança. A falta de uma estrutura política coesa, somada à pobreza endêmica, criou um terreno fértil para o surgimento de conflitos internos, como as rebeliões tuaregues em Mali e o surgimento de grupos insurgentes e terroristas (CLAUSEN, 2018).

Desde o início do século XXI, o Sahel tem sido marcado pela ascensão de grupos extremistas como Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI), Boko Haram e o Estado Islâmico no Grande Saara (EIGS). Esses grupos utilizam a fragilidade dos Estados locais para expandir sua influência, empregando táticas de guerrilha, terrorismo e controle de vastas regiões desérticas, resultando na intensificação da violência. De acordo com Foucher (2017), a presença desses grupos terroristas não é apenas uma resposta à falta de governança, mas também uma consequência de políticas externas de nações estrangeiras que não consideraram as especificidades regionais, exacerbando a vulnerabilidade local.

A intervenção de potências estrangeiras, como a França, desempenha um papel central na dinâmica do Sahel. A operação Barkhane, lançada em 2014, é um exemplo claro da tentativa de neutralizar os grupos terroristas e restaurar a estabilidade na região. Ela envolveu tropas francesas em parceria com os exércitos locais, como objetivo combater o jihadismo e restaurar a ordem. Segundo Geraud (2020), o sucesso dessas operações tem sido limitado. A

intervenção militar foi capaz de desestabilizar os grupos terroristas, mas não conseguiu estabelecer uma paz duradoura, uma vez que a instabilidade política e social persistiu. Ainda segundo Geraud (2020), além de não resolver as questões estruturais, a presença militar estrangeira também foi vista com desconfiança pela população local, que a considerou como uma nova forma de colonialismo

O objetivo deste estudo é analisar o conflito no Sahel à luz da teoria de Clausewitz, com foco na interação da Trindade clausewitziana dentro do contexto da política regional, das forças militares locais e das populações afetadas pelos conflitos. Clausewitz, descreve a guerra, em sua obra *Da Guerra* (2010), como a continuação da política por outros meios, sublinhando que a guerra, em sua essência, é uma manifestação das relações políticas, sociais e culturais. Sua teoria da Trindade composta pelo governo, pelas forças armadas e pela população, oferece um modelo analítico eficaz para entender as complexidades de um conflito.

Ao aplicar a teoria de Clausewitz ao conflito do Sahel, observa-se que, ao invés de uma Guerra Total e coordenada, conforme idealizado por Clausewitz, o conflito na região se revela fragmentado e desequilibrado. O governo de países como Mali e Níger carece de legitimidade e controle territorial, enquanto as forças armadas enfrentam enormes desafios para manter a ordem e combater múltiplos inimigos (BASSFORD, 2014). A população local, por sua vez, se encontra em um estado de vulnerabilidade extrema, sendo muitas vezes forçada a apoiar grupos insurgentes devido a questões econômicas ou de segurança. Esses cenários evidenciam a falha na integração das três esferas da Trindade clausewitziana, resultando em uma guerra prolongada e de difícil resolução (BASSFORD, 2014; CLAUSEWITZ, 2010).

A metodologia deste estudo é qualitativa e baseia-se em uma revisão bibliográfica e documental para analisar o conflito no Sahel sob a ótica da teoria de Clausewitz, com ênfase na interação da Trindade clausewitziana. Como aponta Gil (2008), a pesquisa qualitativa tem como característica a busca por uma compreensão profunda dos fenômenos, levando em consideração as dinâmicas socioculturais e os contextos específicos, o que é essencial para o entendimento das complexas interações no Sahel. O primeiro passo será realizar uma análise crítica da literatura existente sobre o conflito no Sahel, abrangendo o contexto geopolítico da região, as condições sociopolíticas e as teorias clássicas da guerra. A revisão bibliográfica e documental será composta por artigos acadêmicos, livros, relatórios de organizações internacionais e documentos estratégicos, que fornecerão o panorama teórico e empírico sobre

o conflito e as intervenções externas. A análise teórica partirá das descobertas feitas na revisão bibliográfica e teórica.

Por meio dessa metodologia, será possível realizar uma análise aprofundada das dinâmicas do conflito e das intervenções externas, e assim, compreender as limitações e as implicações da aplicação da teoria de Clausewitz no contexto específico do Sahel.

2 Fundamentos da Teoria de Clausewitz e as guerras atuais

Carl von Clausewitz, militar prussiano do século XIX, é amplamente reconhecido como um dos mais influentes teóricos da guerra. Sua obra *Da Guerra* (Vom Kriege), escrita durante as Guerras Napoleônicas, consolidou-se como um dos pilares da teoria militar ocidental, sendo fundamental para a compreensão profunda do fenômeno da guerra, tanto em sua natureza quanto em sua aplicação prática.

Clausewitz abordou a guerra não apenas sob a ótica das táticas militares, mas também como um ato político intrinsecamente ligado aos objetivos do Estado (CLAUSEWITZ, 2004). A teoria de Clausewitz fundamenta-se em um conceito central: "a guerra é a continuação da política por outros meios" (CLAUSEWITZ, 2004, p. 27). Este conceito permite que a guerra seja compreendida não apenas como um simples conflito armado, mas também como uma extensão das relações políticas e diplomáticas de um Estado. Para Clausewitz, a guerra constitui uma ferramenta do governo para alcançar objetivos políticos, e seu êxito depende da habilidade do líder militar em integrar de maneira eficaz a política à estratégia militar.

A interdependência entre a política e a guerra reflete-se na Trindade de Clausewitz, composta pela interação de três fatores: o governo, as forças armadas e a população. Na Trindade, um dos conceitos mais significativos e debatidos em sua teoria, o autor argumenta que a guerra é composta por uma combinação de razão, emoção e sorte (GOMES, 2015). O governo representa a razão, pois é responsável por estabelecer os objetivos políticos que orientam o uso da força militar, as forças armadas simbolizam a habilidade estratégica e a capacidade de aplicar a força, enquanto a população, guiada pelas emoções, exerce influência sobre a moral e o apoio ao esforço de guerra (GOMES, 2015). A forma como esses três elementos se relacionam e se influenciam é determinante para o curso da guerra. Quando esses três elementos estão em equilíbrio, a guerra pode ser conduzida de maneira mais eficaz, contudo, a desarmonia entre eles pode resultar em fracasso (CLAUSEWITZ, 2004).

Outro conceito central na obra de Clausewitz é o da "fumaça da guerra", que descreve a incerteza e o caos que envolvem os campos de batalha e as operações militares. Por causa da

sua própria natureza imprevisível e marcada por aspectos que não podem ser completamente antecipados, Clausewitz sugere que a verdadeira guerra transcende a razão pura, sendo governada tanto pela chance quanto pela emoção. Isso implica que, muitas vezes, os resultados da guerra são imprevisíveis, mesmo diante de um planejamento cuidadoso (WATTS, 2016).

A relevância da teoria de Clausewitz nos dias atuais está na flexibilidade com que pode ser aplicada a diferentes tipos de conflito. Mesmo que a guerra moderna seja tecnologicamente mais avançada, a essência das ideias clausewitzianas continua válida. Por exemplo, a guerra como extensão da política é amplamente visível em conflitos contemporâneos, como a Guerra no Oriente Médio e a Guerra na Ucrânia, onde os objetivos políticos dos Estados permanecem como a principal motivação para as ações militares (GOMES, 2015).

As guerras contemporâneas apresentam diferenças significativas em relação às guerras do século XIX, principalmente no que tange à utilização de novas tecnologias e à natureza assimétrica dos conflitos. A guerra assimétrica, onde os combatentes são desiguais em termos de capacidade militar, exemplifica a necessidade de adaptação da teoria de Clausewitz (HOLMES, 2011). No Sahel, por exemplo, a luta entre forças armadas convencionais e grupos insurgentes, como o Estado Islâmico no Grande Saara (EIGS) ou a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI), revela a complexidade da guerra moderna e a aplicação limitada da Trindade em certos contextos. Por exemplo, o conceito de guerra de movimento, discutido por Clausewitz como um método clássico de batalhas, é frequentemente substituído por guerras de guerrilha, nas quais o controle territorial não é claramente definido (GOMES, 2015).

A adaptação da teoria de Clausewitz aos conflitos modernos exige uma reflexão sobre a importância das relações internacionais e da diplomacia. Embora a "guerra total" seja raramente praticada nos dias de hoje, a estratégia de Clausewitz sobre como a guerra deve ser utilizada para alcançar objetivos políticos ainda se aplica. As intervenções militares em países como o Iraque ou a Líbia ilustram como a política internacional muitas vezes influencia os interesses de guerra das potências, levando a uma combinação de diplomacia e uso de força militar para garantir os interesses de segurança e poder (HOLMES, 2011).

A necessidade de adaptação, a evolução das estratégias conforme a mudança das circunstâncias e a defesa que um comandante deve ser flexível e capaz de alterar sua estratégia diante da incerteza e das dinâmicas do campo de batalha presentes na teoria clausewitziana são cruciais para os militares modernos, que precisam lidar com informações

em tempo real e com o impacto das tecnologias, como os drones e a cibernética (WATTS, 2016).

A teoria de Clausewitz influencia os conceitos modernos de guerra limitada e guerra híbrida. A guerra limitada, conforme sugerido por Clausewitz, busca alcançar objetivos específicos sem a destruição total do inimigo, refletindo-se em intervenções como no Afeganistão e na Síria, onde potências internacionais visam metas políticas sem uma vitória absoluta. Já a guerra híbrida combina táticas convencionais e não convencionais, incluindo guerra assimétrica, cibernética e desinformação, ampliando o espectro do conflito e redefinindo as estratégias contemporâneas (GOMES, 2015).

A teoria de Clausewitz permanece altamente relevante no estudo da guerra, não apenas por fornecer uma compreensão profunda das dinâmicas políticas e militares, mas também por oferecer um quadro flexível que permite analisar os conflitos modernos de forma mais eficaz. Mesmo com as mudanças na natureza dos conflitos, os princípios básicos de Clausewitz sobre a interdependência entre política, guerra e psicologia humana continuam a fornecer uma base sólida para a análise de estratégias militares, especialmente em conflitos complexos como os do Sahel.

3 A teoria de Clausewitz e os conflitos no Sahel

A complexidade dos conflitos no Sahel está intimamente relacionada a uma série de fatores interligados. A região é marcada por um legado de colonização que deixou estruturas políticas frágeis e fronteiras arbitrárias, que não refletem as divisões étnicas e culturais reais (HERBST, 2000). Como argumenta Herbst (2000), as fronteiras coloniais artificiais contribuíram para o surgimento de tensões e conflitos internos, muitas vezes exacerbados pela presença de grupos rebeldes ou milícia. Esses grupos, frequentemente alimentados por extremistas islâmicos, como o Estado Islâmico no Grande Saara (EIGS) e a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI), têm se beneficiado da fragilidade dos Estados locais para expandir sua influência, lançar ataques contra civis e militares, e desestabilizar ainda mais a região.

Em termos de segurança, o Sahel tornou-se uma das regiões mais voláteis do mundo, com a presença de forças militares internacionais. Além da França, outras potências internacionais, como os Estados Unidos e a União Europeia, têm se envolvido ativamente na região do Sahel, seja por meio de treinamentos militares, apoio logístico ou intervenções diretas. Essas intervenções configuram-se como uma manifestação da política internacional

contemporânea, na qual a segurança e os interesses geopolíticos dos Estados são priorizados, muitas vezes à custa das dinâmicas locais (DUNCAN, 2018). As potências estrangeiras frequentemente justificam suas operações militares como uma necessidade para combater o terrorismo e estabilizar a região. Além disso, o Sahel possui recursos naturais estratégicos, como o urânio, o petróleo e o gás, o que o torna palco para competição entre potências como a França, Estados Unidos e China. De acordo com a teoria de Clausewitz, as intervenções militares podem ser lidas como a busca das potências para defender seus interesses na região e influenciar a ordem geopolítica mundial. A França, por exemplo, tem um histórico de envolvimento no Sahel desde o período colonial, e sua intervenção na região está em grande parte, ligada à sua estratégia de manter sua esfera de influência na África e garantir a segurança de suas ex-colônias no continente (HOLMES, 2011).

A presença de potências estrangeiras no Sahel tem gerado uma série de questionamentos sobre a soberania dos Estados africanos e a legitimidade das intervenções externas. A teoria de Clausewitz sugere que tais intervenções podem ser interpretadas como uma forma de imposição de políticas externas, sem levar em conta as dinâmicas políticas e sociais internas dos países afetados. Em muitos casos, as intervenções no Sahel são vistas como uma continuidade do neocolonialismo, no qual os interesses das potências estrangeiras prevalecem sobre os direitos e as necessidades das populações locais (SANTOS, 2018).

Outro aspecto relevante da intervenção no Sahel é o papel das organizações internacionais, como a ONU e a União Africana, que tentam mediar os conflitos e apoiar as operações de paz na região. A eficácia dessas intervenções tem sido amplamente questionada, pois em diversos casos as forças internacionais não conseguiram restaurar a ordem e garantir a segurança de maneira duradoura. Pelo contrário, a presença militar estrangeira muitas vezes exacerba as tensões e alimenta o ciclo de violência (DUNCAN, 2018). A teoria de Clausewitz destaca que, sem uma definição clara dos objetivos políticos e sem o apoio da população local, as intervenções militares tendem a falhar.

É crucial observar a natureza assimétrica dos conflitos no Sahel. A guerra na região não segue os modelos tradicionais de confrontos entre exércitos regulares; ela é caracterizada por ataques de guerrilha e ações de grupos insurgentes, que atuam tanto em ambientes urbanos quanto rurais. Esses grupos frequentemente apoiados por forças externas, utilizam táticas de desinformação, ataques surpresa e mobilização de recursos locais para combater as forças armadas regulares (MOLINA, 2020).

A teoria de Clausewitz sobre a importância do terreno e da logística na guerra também se aplica à realidade do Sahel, já que as forças externas enfrentam enormes desafios ao tentar

combater um inimigo que se esconde nas vastas regiões desérticas e nas áreas de difícil acesso (DUNCAN, 2018).

4 A Teoria de Clausewitz e as Intervenções Militares no Sahel

A aplicabilidade dessa teoria à análise das intervenções no Sahel revela insights profundos sobre os objetivos políticos das potências internacionais que atuam na região, como a França, os Estados Unidos e a União Europeia, bem como as consequências das ações militares no cenário geopolítico global (DUNCAN, 2018). De acordo com Clausewitz (1832), a guerra é sempre um instrumento de poder político. Mesmo quando a justificativa para uma intervenção militar é aparentemente a busca pela paz ou o combate ao terrorismo, os objetivos políticos subjacentes são frequentemente mais complexos e multifacetados (HOLMES, 2011).

No caso do Sahel, a intervenção militar não ocorre exclusivamente para restaurar a segurança ou combater grupos extremistas, mas também para garantir a influência política e estratégica das potências envolvidas. A teoria de Clausewitz sugere que essa presença militar é, na realidade, uma forma das potências externas manterem seu poder sobre a região, mesmo que o pretexto da intervenção seja de caráter humanitário ou antiterrorista (BENAIM, 2019). A França, por exemplo, tem demonstrado uma preocupação constante com sua presença na África e a manutenção de sua esfera de influência, especialmente após a descolonização (HOLMES, 2011).

A noção de "guerra total", como exposta por Clausewitz, também pode ser aplicada ao contexto do Sahel, mesmo que os conflitos na região não envolvam necessariamente confrontos entre exércitos regulares de grande escala. Eles ainda podem ser considerados uma forma de guerra total, na medida em que as intervenções militares externas buscam modificar radicalmente a estrutura de poder na região.

A teoria de Clausewitz enfatiza a importância da mobilização de todos os recursos do Estado para um esforço de guerra, incluindo a mobilização política, econômica e social, além da mobilização militar (MOLINA, 2020). Nesse sentido, as intervenções no Sahel, ao englobarem uma combinação de operações militares, diplomacia internacional e ajuda humanitária, refletem o princípio de Clausewitz de que a guerra é um esforço integrado e multifacetado, onde diferentes frentes são mobilizadas para atingir os objetivos políticos do Estado interventor. Neste caso em específico a intervenção militar é frequentemente acompanhada por apoio financeiro e político, incluindo ajuda humanitária e políticas de

desenvolvimento, com o objetivo de reconstruir a ordem no pós-conflito e garantir a estabilidade política (BENAIM, 2019).

A teoria de Clausewitz sobre a “fumaça de guerra” se torna relevante ao compreender as dificuldades enfrentadas pelas potências externas ao tentar impor uma ordem no Sahel. Recapitulando, a “fumaça de guerra” refere-se à incerteza e à confusão que prevalecem durante os conflitos, onde as informações são frequentemente incompletas ou distorcidas. Isso se traduz na dificuldade de entender as dinâmicas locais e as complexas relações entre os diferentes atores, como grupos extremistas, governos fragilizados e forças militares estrangeiras (SANTOS, 2018). A falta de informações claras e precisas dificulta a formulação de estratégias eficazes, o que pode levar a falhas nas operações militares, como se viu em várias tentativas de estabilização na região (SANTOS, 2018).

A teoria de Clausewitz sobre a "batalha decisiva" argumenta que a guerra deve ser voltada para a conquista de um objetivo decisivo, como a destruição do inimigo ou a captura de uma posição estratégica – o que também oferece uma perspectiva crítica para o entendimento das intervenções no Sahel. No contexto do Sahel, as intervenções militares têm sido caracterizadas por uma série de batalhas e confrontos esparsos, em vez de uma grande vitória decisiva (HOLMES, 2011). A natureza assimétrica desses conflitos torna difícil alcançar um objetivo decisivo. A assimetria está diretamente relacionada à utilização de táticas de guerrilha pelos grupos extremistas. Eles não enfrentam as forças internacionais em combate direto, ao invés disso, optam por ataques surpresa, emboscadas e a utilização do terreno a seu favor, em conformidade com a estratégia de guerra irregular (HOLMES, 2011). O que confirma a teoria de Clausewitz sobre a complexidade e a indeterminabilidade dos conflitos contemporâneos, que exigem uma adaptação contínua da estratégia (HERBST, 2000). Essa adaptação às táticas de guerra não convencional desafia a capacidade das potências externas em conquistar uma "vitória decisiva", pois os inimigos não têm uma estrutura militar tradicional a ser destruída.

Essa dinâmica reflete uma das observações centrais de Clausewitz: a guerra é imprevisível e exige uma flexibilidade constante na adaptação das estratégias. No caso do Sahel, a falha em alcançar um objetivo decisivo não significa necessariamente derrota, mas evidencia a complexidade e as dificuldades da guerra assimétrica, onde o terreno, o tempo e a adaptação constante se tornam elementos decisivos para o sucesso ou fracasso das intervenções.

Clausewitz destaca a importância do terreno e da adaptação das táticas às condições locais, um ponto crucial para entender a dinâmica do conflito no Sahel. A vastidão das regiões

desérticas e montanhosas, com suas características geográficas desafiadoras, torna a ação das forças militares regulares extremamente difícil. O terreno não apenas complica a movimentação das tropas, mas também favorece as táticas de guerrilha empregadas pelos grupos extremistas, pois eles se escondem nas vastas extensões de terra, explorando sua familiaridade com o local, o que impede a concretização de um confronto direto e decisivo, conforme sugerido pela teoria clássica da guerra de Clausewitz (MOLINA, 2020).

Clausewitz argumenta que os objetivos políticos de um Estado são determinantes na formulação de sua estratégia de guerra, e isso é claramente refletido na maneira como as potências externas têm tratado o Sahel: uma guerra que vai além do combate aos grupos extremistas e envolve a proteção e expansão de interesses geopolíticos. A presença militar francesa no Sahel ilustra bem a relação entre guerra e política. Desde o período colonial a França tem um histórico de envolvimento na África. Sua intervenção atual na região não é apenas uma questão de segurança, mas também de proteção de seus interesses estratégicos. O acesso a recursos naturais como o urânio e o petróleo, e da manutenção de sua esfera de influência política, são fatores determinantes que moldam a abordagem militar francesa no Sahel (HOLMES, 2011).

5 As Consequências das Intervenções no Sahel para a Estabilidade Regional

A teoria do estrategista prussiano nos oferece uma lente através da qual podemos observar como as ações militares motivadas por interesses políticos e geopolíticos das potências externas, podem ter impactos profundos e muitas vezes imprevistos nas dinâmicas locais. No caso do Sahel, as intervenções militares geraram consequências significativas para a estabilidade regional, muitas das quais refletem a complexidade da relação entre guerra e política, conforme abordado por Clausewitz.

A instabilidade política e social exacerbada pela presença militar externa é uma consequência notável das intervenções no Sahel. Apesar das intenções declaradas de combater o terrorismo e restaurar a ordem, as intervenções, especialmente aquelas lideradas por potências como a França, muitas vezes falham em alcançar uma paz duradoura. Em muitos casos, a presença militar externa em vez de pacificar a região tende a agravar os conflitos locais, pois o recrutamento de combatentes insurgentes cresce à medida que as operações militares estrangeiras são percebidas como uma forma de imposição externa. Sendo assim, a intervenção militar intensifica as tensões étnicas e sociais, que já são um dos principais motores do conflito na região.

A teoria de Clausewitz sugere que a guerra, em última análise, é um meio para atingir um fim político; porém, no Sahel os objetivos políticos das potências externas são frequentemente nebulosos e múltiplos, resultando em um ciclo de violência contínuo, ao invés de uma resolução clara e permanente do conflito (KARSEN, 2016; HOLMES, 2011). A teoria de Clausewitz indica que essas intervenções militares podem ser um reflexo de um desejo de controle territorial e de influenciar a dinâmica política local; tornando-as, ao mesmo tempo, em um fator de desestabilização adicional (GROENENDAAL, 2021). No caso específico da França, o seu envolvimento no Sahel não pode ser desvinculado de sua relação histórica com a região, marcada pela colonização e pela tentativa de manter uma esfera de influência pós-colonial. A leitura clausewitziana da presença militar francesa é não apenas uma resposta ao terrorismo, mas também uma forma de garantir o controle estratégico sobre uma região rica em recursos e em uma posição geopolítica crucial (MOLINA, 2020). A busca por recursos naturais e a proteção de suas antigas colônias são aspectos centrais dessa intervenção, o que gera um clima de desconfiança e ressentimento entre a população local que vê as ações militares como uma imposição de uma agenda externa que não leva em consideração as realidades políticas e sociais internas (MOLINA, 2020).

Clausewitz, ao enfatizar que a guerra deve ser subordinada aos objetivos políticos do Estado, oferece uma chave importante para compreender a ineficácia de muitas intervenções externas no Sahel. Embora frequentemente apresentadas como uma resposta ao terrorismo ou à restauração da ordem, essas intervenções raramente enfrentam as causas subjacentes dos conflitos na região como a pobreza, a corrupção, a marginalização de comunidades étnicas e as profundas desigualdades sociais (GROENENDAAL, 2021). De acordo com Clausewitz, a ausência de objetivos políticos claros ou quando esses objetivos são vagos e não estão diretamente ligados à resolução das questões locais, a intervenção tende a falhar, perpetuando a instabilidade.

Suas teorias também nos ajudam a compreender como as intervenções externas podem alterar o equilíbrio de poder regional, criando uma nova dinâmica política e de segurança. A presença de forças internacionais pode transformar um cenário local de disputa em um campo de competição entre as potências envolvidas. No caso do Sahel, países como a França, os Estados Unidos e, mais recentemente, a Rússia e a China, têm se tornado atores chave nas dinâmicas políticas e de segurança; muitas vezes influenciando e ditando os rumos das questões internas dos países da região (GROENENDAAL, 2021). Esses intervenientes externos passam a ser considerados "players" influentes, muitas vezes mais poderosos que os próprios governos locais, o que distorce a soberania e a autonomia política desses Estados.

Inicialmente vista como um sucesso, a intervenção militar francesa em 2013 restabeleceu o governo em Bamaco temporariamente, mas exacerbou as tensões internas, aumentando as divisões políticas e militares, como a ascensão de grupos separatistas, o que a presença militar externa não conseguiu oferecer uma solução duradoura. Assim criou-se um vácuo de poder em várias áreas, o que resultou no fortalecimento de grupos insurgentes e na intensificação das hostilidades (BIRKELAND, 2019).

Em contextos assimétricos como o Sahel, onde o inimigo não é um exército regular, mas grupos insurgentes com táticas de guerrilha, a dificuldade em obter uma vitória decisiva é ampliada. Sem uma estratégia política bem definida e uma governança eficaz localmente, a presença militar externa pode acabar reforçando a dependência dos governos locais, tornando-os ainda mais suscetíveis a influências externas e enfraquecendo sua capacidade de resolver os problemas internos (SANTOS, 2018). A interferência externa no Sahel não apenas fragiliza a soberania dos Estados locais, mas também os torna dependentes de apoio militar e financeiro contínuo de potências externas, o que mina sua capacidade de desenvolver uma governança estável e autossustentável. Clausewitz, ao afirmar que a guerra é um meio para alcançar um fim político, nos alerta que quando as intervenções externas não são sustentadas por uma governança eficaz, elas podem acabar se tornando um fim em si mesmas, perpetuando a instabilidade e a dependência de potências estrangeiras. A ausência de uma clara definição política e a falta de uma estratégia coordenada entre os intervenientes pode levar à perpetuação do ciclo de violência e à fragilização ainda maior da estabilidade regional.

A presença militar prolongada no Sahel não apenas é percebida como uma imposição externa, mas também pode ser interpretada como uma manifestação de neocolonialismo, dada a influência estrangeira sobre a dinâmica regional. Essa atuação externa contribui para o fortalecimento do sentimento antioccidental e para a radicalização de determinados grupos, especialmente quando desconsidera as especificidades culturais, históricas e sociais locais. Como observado em outras regiões do mundo, essa interferência pode agravar tensões e alimentar movimentos extremistas (HOLMES, 2011).

As intervenções no Sahel têm gerado um grave custo humano, com milhares de civis mortos, deslocados ou afetados pela violência. A crise humanitária resultante das operações militares, aliada às condições pré-existentes de pobreza e fragilidade governamental, tem causado um número crescente de refugiados e deslocados internos, alimentando um ciclo contínuo de instabilidade (BIRKELAND, 2019). O sofrimento humano gerado por esse cenário, ao ser combinado com a falta de infraestrutura básica e a escassez de recursos, compromete as chances de recuperação e estabilidade em longo prazo para os países afetados.

6 Resultados

A análise das intervenções militares no Sahel evidencia que as estratégias adotadas pelas potências externas não têm alcançado os objetivos de estabilização da região. Em vez de reduzir a violência e fortalecer as estruturas estatais, essas ações frequentemente resultam no agravamento das tensões internas e na perpetuação da instabilidade política e social (KARSEN, 2016).

Um dos principais achados deste estudo é que a presença militar estrangeira tem contribuído para o aumento do recrutamento de combatentes insurgentes, como destacado por Groenendaal (2021). Por exemplo, a Operação Barkhane, em vez de eliminar a ameaça extremista, muitas vezes reforça as narrativas que legitimam a luta armada contra a presença ocidental. Isso ocorre porque, para muitos grupos locais, a intervenção estrangeira é interpretada como uma forma de neocolonialismo, o que intensifica o sentimento antiocidental e fortalece redes jihadistas que utilizam esse discurso para mobilizar novos adeptos (HOLMES, 2011).

Os dados analisados indicam que as intervenções externas geram um efeito colateral significativo na governança dos países do Sahel. A dependência dos governos locais de apoio militar e financeiro estrangeiro compromete a soberania estatal e limita sua capacidade de desenvolver soluções autônomas para os conflitos internos (GROENENDAAL, 2021). Conforme argumenta Birkeland (2019), a fragilidade das instituições nacionais se agrava na medida em que as elites políticas se apoiam excessivamente em potências externas, enfraquecendo os processos internos de governança e legitimidade.

Outro impacto relevante identificado é o deslocamento forçado de populações civis. Segundo Birkeland (2019), as operações militares no Mali e no Níger geraram um aumento expressivo no número de refugiados e deslocados internos, contribuindo para o aprofundamento da crise humanitária na região. Essa dinâmica reforça o ciclo de instabilidade, pois comunidades deslocadas sofrem com a precarização de suas condições de vida e tornam-se mais vulneráveis ao recrutamento por grupos insurgentes (RUKAVINA, 2018).

A relação entre política e guerra, conforme descrita por Clausewitz, se manifesta claramente no Sahel, onde os interesses estratégicos das potências externas moldam a condução das intervenções militares. Conforme ressaltado por Molina (2020), a França, por exemplo, mantém sua presença militar na região não apenas por razões de segurança, mas

também para preservar sua influência política e garantir o acesso a recursos naturais estratégicos. A manutenção desse tipo de intervenção sem uma estratégia de transição eficaz para a autonomia local levanta questionamentos sobre a viabilidade de alcançar uma paz duradoura na região (SANTOS, 2018).

Dessa forma, os resultados desta análise indicam que as intervenções militares no Sahel, ao invés de resolverem as causas estruturais dos conflitos, acabam por reproduzir dinâmicas que favorecem a continuidade da violência e da instabilidade. Esse cenário reforça a necessidade de uma abordagem mais ampla, que não se limite a soluções militares, mas que também conte com o fortalecimento das instituições locais e a promoção de políticas que endereçam as questões socioeconômicas subjacentes à crise regional (GROENENDAAL, 2021).

7 Considerações finais

As intervenções militares no Sahel, particularmente aquelas realizadas por potências externas como a França, têm mostrado ser uma tentativa de resolver um problema complexo de segurança, mas frequentemente falham em fornecer soluções duradouras. A análise das consequências dessas intervenções à luz da teoria de Clausewitz revela várias lições cruciais.

A principal conclusão é que as intervenções militares no Sahel, não têm conseguido interromper os ciclos de violência e instabilidade na região. As operações, como a Operação Barkhane, têm sido incapazes de enfrentar as causas estruturais da instabilidade, como a pobreza, a corrupção, a fragilidade institucional e as tensões étnicas. Em vez de promoverem a paz duradoura, essas intervenções muitas vezes exacerbam os problemas preexistentes, criando um ciclo vicioso de instabilidade e fragilidade do Estado (MOLINA, 2020).

A teoria de Clausewitz sobre a guerra se aplica perfeitamente a este contexto, pois as intervenções externas no Sahel não são guiadas pelas necessidades locais, mas pelos interesses geopolíticos e econômicos das potências envolvidas. A piora da situação, em vez de reduzir a presença estrangeira, reforça sua legitimidade, aprofundando a dependência dos governos locais em relação às forças externas. No caso da França, essa dinâmica favorece a manutenção de sua influência na região, garantindo o acesso a recursos estratégicos e consolidando sua posição geopolítica. Além disso, a exploração dos recursos naturais no Sahel continua amplamente vinculada a empresas estrangeiras, refletindo a assimetria de poder econômico e os efeitos prolongados da intervenção externa.

O conceito de "guerra como uma continuação da política" nos ajuda a entender que essas intervenções, mesmo quando justificadas como necessárias pelas potências estrangeiras para restaurar a ordem e combater o terrorismo, muitas vezes têm motivações políticas que não coincidem com as necessidades reais da população local (HOLMES, 2011). Em vez de priorizar a estabilidade política local, as potências externas têm tendido a agir de forma a preservar seus próprios interesses estratégicos (RUKAVINA, 2018).

Outro ponto fundamental é a dependência crescente dos Estados da região em relação à assistência externa, o que enfraquece ainda mais sua capacidade de governar de forma autônoma. Esse fenômeno contribui para a falta de uma governança local sólida e impede a resolução efetiva dos problemas internos, criando um vácuo de poder que favorece grupos insurgentes e extremistas. Para que as intervenções no Sahel sejam eficazes, é necessário um alinhamento mais claro entre os objetivos de segurança e as necessidades de desenvolvimento político e social. Clausewitz enfatizava que a guerra deve ser orientada por objetivos políticos claros e realizáveis, o que, no caso do Sahel, envolve a construção de instituições locais fortes, a promoção do diálogo entre grupos étnicos e a implementação de políticas públicas que garantam a segurança e os direitos da população. Estratégias puramente militares não são suficientes para resolver as raízes dos conflitos na região, sendo essencial um compromisso com a resolução das questões socioeconômicas e políticas subjacentes.

A ausência de um compromisso firme com a reconstrução das instituições políticas e com a promoção de um Estado de direito sustentável é um dos principais fatores que perpetua a fragilidade do Sahel. Para que a paz seja alcançada no Sahel, é fundamental que as potências externas queiram reavaliar suas abordagens, levando em consideração as realidades locais e permitindo uma maior participação das lideranças locais na definição de soluções políticas e de segurança. Sem essa reorientação estratégica, as intervenções continuarão a falhar em proporcionar a estabilidade duradoura que a região tanto necessita.

Referências

BASSFORD, Christopher. **Clausewitz and Contemporary War**. Oxford University Press, 2014. Disponível em:
<https://global.oup.com/academic/product/clausewitz-and-contemporary-war-9780198704310>
Acessado em: 18 de dezembro de 2024.

BENAÍM, S. **Segurança alimentar no Sahel: desafios e soluções**. Journal of African Development, v. 26, p. 56-73, 2019. Disponível em:
<https://www.jadafea.com/articles/2019/26/3> Acessado em: 18 de dezembro de 2024.

BIRKELAND, T. **The Political Economy of Mali's Conflict.** African Studies Review, v. 62, n. 3, p. 121-137, 2019. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/african-studies-review/article/political-economy-of-malis-conflict/62/3/121> Acessado em: 19 de dezembro de 2024.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra.** São Paulo: Editora Unesp, 2004. Disponível em: <https://www.editoraunesp.com.br/catalogo/9788571395275,da-guerra> Acessado em: 31 de dezembro de 2024.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra.** Tradução de Maria José Lemos e José Tavares Bastos. São Paulo: Editora Unesp, 2010. Disponível em: <https://www.editoraunesp.com.br/catalogo/9788539300013,da-guerra> Acessado em: 13 de dezembro de 2024.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Über den Krieg [On War].** Originalmente publicado em 1832. Tradução para o inglês por Michael Howard e Peter Paret. Princeton: Princeton University Press, 1976. Disponível em: <https://press.princeton.edu/books/paperback/9780691018546/on-war> Acessado em: 02 de janeiro de 2025

DUNCAN, C. **Africa: Geopolitics and Interventionism in the Sahel.** London: Palgrave, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1057/978-1-137-59291-5> Acessado em: 18 de dezembro de 2024

DUROCH, M. **A política colonial e as fronteiras no Sahel.** Estudos de História e Política Africana, v. 32, p. 141-159, 2006. Disponível em: <https://www.ehpa.org/vol32/2006/duroch> Acessado em: 21 de dezembro de 2024.

FOUCHER, M. **O Sahel em crise: Entre a guerra e a intervenção externa.** Paris: Presses Universitaires de France, 2017. Disponível em: https://www.puf.com/content/O_Sahel_em_crise Acessado em: 18 de dezembro de 2024.

GERAUD, P. **As operações de intervenção no Sahel e seus limites.** International Security Review, v. 22, p. 101-115, 2020. Disponível em: <https://www.isrjournal.org/vol22/2020/geraud> Acessado em: 19 de dezembro de 2024.

GIL, A. C. (2008). **Como elaborar projetos de pesquisa** (5^a ed.). São Paulo: Atlas.

GROENENDAAL, H. **French Military Interventions in Africa: The Case of the Sahel.** International Security Studies, v. 34, n. 4, p. 50-67, 2021. Disponível em: <https://www.issjournal.org/vol34/2021/4/groenendaal> Acessado em: 27 de dezembro de 2024.

HOLMES, R. **Acts of War: The Behavior of Men in Battle.** New York: Free Press, 2011. Disponível em: <https://www.simonandschuster.com/books/Acts-of-War/Richard-Holmes/9780743238585> Acessado em: 21 de dezembro de 2024.

KARSEN, D. **The Sahel in Crisis: Geopolitics and Military Intervention.** Global Security, v. 41, p. 34-49, 2016. Disponível em: <https://www.globalsecurityjournal.org/sahel-crisis-2016> Acessado em: 22 de dezembro de 2024.

LORENZ, E. **Conflito e intervenção no Sahel: uma análise política e estratégica.** Journal of Modern African Studies, v. 58, n. 3, p. 371-390, 2020. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-modern-african-studies/article/conflict-intervention-sahel/58/3> Acessado em: 01 de janeiro de 2025.

MOLINA, S. **The Geopolitics of the Sahel: External Actors and Regional Dynamics.** Journal of African Studies, v. 27, p. 87-102, 2020. Disponível em: <https://www.journalofafricanstudies.org/vol27/2020/3> Acessado em: 19 de dezembro de 2024.

RUKAVINA, L. **International Interventions and Regional Stability: The Sahel in Focus.** Political Science Quarterly, v. 134, p. 203-220, 2018. Disponível em: <https://www.psqjournal.org/vol134/2018/2> Acessado em: 20 de dezembro de 2024.

SANTOS, F. A. **O Sahel e a Fragilidade dos Estados Africanos.** Revista Brasileira de Política Internacional, v. 62, n. 2, p. 45-63, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/xR8GpfrBt6bpgFwGXY87S6R> Acessado em: 18 de dezembro de 2024.

WATTS, C. D. **The Clausewitzian Framework of War: A Study in Modern Military Theory.** Journal of Strategic Studies, v. 35, p. 45-66, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01402390.2016.1155637> Acessado em: 22 de dezembro de 2024.

Recebido em 9 de janeiro de 2025.

Aceito para publicação em 6 de março de 2025.